

## Para uma gênese do conceito de máquina de guerra em *Capitalismo e esquizofrenia*

Yasmin de Oliveira Alves Teixeira\* & Lourenço da Silva Queiroz\*\*

**Resumo:** O conceito de máquina de guerra é desenvolvido mais extensamente por Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra *Mil platôs*, de 1980. Entretanto, a expressão que designa o conceito já aparece em textos do início dos anos 1970, nos quais os autores se debruçam sobre o problema prático ligado à organização política e à análise social do desejo. No presente artigo, partimos da hipótese de que o conceito de máquina de guerra surge, inicialmente, como um desdobramento das reflexões dos autores acerca desse problema prático. Trata-se, nessa perspectiva, de deslindar como a crítica da forma-partido aparece intrinsecamente vinculada ao delineamento de uma lógica de composição e operação das organizações capazes de atuar exteriormente à burocracia do aparelho de Estado.

**Palavras-chave:** máquina de guerra; aparelho de Estado; organização política; Gilles Deleuze; Félix Guattari.

### For a genesis of the war machine concept in *Capitalism and Schizophrenia*

**Abstract:** The concept of war machine is developed more extensively by Gilles Deleuze and Félix Guattari in the work *Mil platôs*, from 1980. However, the expression that designates the concept already appears in texts from the early 1970s, in which the authors focus on the practical problem linked to political organization and social analysis of desire. In the present paper, we start from the hypothesis that the concept of war machine appears, initially, as an unfolding of the authors' reflections about this practical problem. In this perspective, it is a matter of unraveling how the criticism of the party-form appears intrinsically linked to the delineation of a logic of composition and operation of organizations capable of acting outside the bureaucracy of the State apparatus.

**Keywords:** war machine; state apparatus; political organization; Gilles Deleuze; Félix Guattari.

## 1. Introdução

Em *Cinco proposições sobre a psicanálise* (1973), Gilles Deleuze enuncia o “problema político direto” sobre o qual ele e Félix Guattari se debruçavam naquele momento da construção da sua obra conjunta. Segundo Deleuze, se tratava de elaborar conceitos que permitissem uma crítica das organizações políticas que se guiam por sínteses de interesse e funcionam como embriões de aparelho de Estado em vez de operarem uma análise social do desejo<sup>1</sup>.

---

\* Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (EFLCH - UNIFESP). Contato: yasminteixeira@protonmail.com

\*\* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (EFLCH - UNIFESP). Contato: lourenco.queiroz@hotmail.com

<sup>1</sup> DELEUZE, G. Cinq propositions sur la psychanalyse. In: \_\_\_\_\_. *L'île déserte: textes et entretiens (1953-1974)*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002, p. 390.

Essa distinção entre um nível pré-consciente das sínteses de interesse e o nível inconsciente dos fluxos do desejo aparece conectada a todo o conjunto teórico de *O anti-Édipo*, mas ela não deixa de produzir outros desdobramentos que vão adquirir uma consistência própria em *Mil platôs*: a hipótese que trabalharemos neste artigo é a de que o conceito de *máquina de guerra* surge, desde 1972, como produto da reflexão dos autores sobre a natureza desses grupos que seriam capazes de operar uma análise do desejo das massas mantendo-se exteriores à racionalidade do Estado. No segundo tomo de *Capitalismo e esquizofrenia*, os autores ensaiam uma elaboração conceitual que faz passar o problema de prática política por considerações de ordem teórica - em diálogo estreito com a história, a etnologia e a arqueologia - acerca da exterioridade de direito da potência guerreira em relação à violência estatal.

Percorreremos inicialmente as questões relativas a essa análise social do desejo, sua relação com a máquina revolucionária e com a crítica da forma-partido em *O anti-Édipo*, em seguida buscaremos apontar brevemente o desenvolvimento dessas questões através do prefácio de Deleuze a *Psicanálise e Transversalidade*, de Félix Guattari. Por fim, abordaremos em linhas gerais o conceito de máquina de guerra nômade em *Mil platôs*, buscando apontar suas conexões com os movimentos anteriores.

## **2. Prelúdio à máquina de guerra: a análise social do desejo em *O Anti-Édipo***

Em *O anti-Édipo* (1972), Deleuze e Guattari esboçam uma crítica à experiência histórica do socialismo real que teria, segundo os autores, formado uma tecnocracia e uma burocracia de Estado “que valem pela burguesia como ‘grande ausente’”<sup>2</sup>. A premissa de que teria havido um esgotamento desse projeto de socialismo fundamentado na forma-partido e na tomada do Estado leva os autores a buscar o conceito de um tipo de movimento político cuja lógica e ontologia fosse distinta daquela do modelo do Estado e de seus aparelhos ideológicos e repressivos. A distinção entre esses dois tipos de organização estaria, primeiramente, na natureza dos investimentos que elas vertem sobre o campo social.

Assim, nesse primeiro volume de *Capitalismo e esquizofrenia*, os filósofos franceses tecem uma distinção fundamental entre o “investimento libidinal inconsciente do desejo” e os “investimentos pré-conscientes de interesses ou de classe”. Ambos os

---

<sup>2</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. *L'Anti-Oedipe*. Paris: Minuit, 1972, p.304.

investimentos coexistem, dizem eles, ainda que não coincidam *necessariamente*. Os investimentos pré-conscientes de interesse estão ou ‘deveriam’ estar, segundo a lógica da forma-partido, de acordo com os “interesses objetivos” das classes opostas. No entanto, desde a *Psicologia de massas do fascismo* (1933), de Wilhelm Reich, a filosofia política não pode deixar de enfrentar o fato de que, em determinadas condições, o desejo das massas pode voltar-se contra seus próprios interesses. Reich questionava como é possível indivíduos e grupos aderirem a interesses e ideais de uma classe que sua própria condição material objetiva deveria determiná-los a combater. O exemplo emblemático é o do proletariado alemão que, em larga medida, aderiu ao nazismo de Hitler<sup>3</sup>.

É daí que vem a força do grito de Reich: não se trata de um problema ideológico, de ilusão ou desconhecimento. “As massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo”<sup>4</sup>. A grandeza de Reich foi ter percebido que *o desejo faz parte da infraestrutura*; no entanto, Deleuze e Guattari mostram que ele não foi longe o suficiente para mostrar como o desejo funciona investindo diretamente o campo social. Era preciso se desvencilhar do dualismo objetivo-subjetivo que enclausurava o desejo num plano subjetivo, o qual invocava as figuras do negativo, do ideológico, do irracional ou do inibido<sup>5</sup>. Para os autores, a distinção a ser feita não passa pelo objetivo e o subjetivo, mas pela infraestrutura econômica e seus diferentes tipos de investimentos. *O anti-Édipo* assevera continuamente que “a economia libidinal não é menos objetiva que a economia política, e a política não é menos subjetiva do que a economia libidinal”<sup>6</sup>.

É isso que Deleuze e Guattari têm em vista quando afirmam que Hitler suscitava tesão nos fascistas, ou quando afirmam que os aparelhos estatais repressores, burocráticos, econômico-financeiros “dão tesão” em pessoas cujos interesses não passam ou não deveriam passar por aí. Dar tesão, dizem eles, nada tem a ver com metáfora, posto que todos esses aparatos podem ser objetos de investimentos inconscientes reacionários e fascistas:

Uma forma de produção e de reprodução sociais, com seus mecanismos econômicos e financeiros, com suas formações políticas etc., pode ser desejada como tal, no todo ou em parte, independentemente do interesse do sujeito que deseja. Nada tem a ver com metáfora, nem mesmo com metáfora paternalista, a constatação de que Hitler suscitava tesão nos fascistas. Não é metafóricamente que uma operação bancária ou da bolsa, um título, um cupom, uma nota de crédito, dão tesão também a pessoas que não banqueiros.

<sup>3</sup> REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>4</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. *L’Anti-Oedipe*, op. cit., p.306.

<sup>5</sup> Ibidem, p.412-413.

<sup>6</sup> Ibidem, p.413.

E o dinheiro germinador, o dinheiro que produz dinheiro? Há “complexos” econômico-sociais que também são verdadeiros complexos do inconsciente, e que comunicam uma volúpia de alto a baixo em toda sua hierarquia (o complexo militar industrial)<sup>7</sup>.

Visto que o nível dos investimentos pré-conscientes de interesse passa pelo que os autores chamam de molaridade, ou seja, a dimensão que diz respeito aos “grandes objetivos sociais”, aos “organismos e órgãos coletivos”, à divisão de classes etc., é possível discernir, sem maiores dificuldades, o que é reacionário, reformista ou revolucionário. Mas, para ir ao encontro do *problema político direto*, é preciso analisar o que se passa no nível molecular do desejo. É neste nível que faz necessário distinguir os tipos de investimentos libidinais do desejo inconsciente: o reacionário ou fascista e o revolucionário<sup>8</sup>. Donde a célebre passagem de *Mil platôs*: “é muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas”<sup>9</sup>.

Daí a tarefa central da psiquiatria materialista ou esquizoanálise, tal como Deleuze e Guattari a formulam no interior de *O anti-Édipo*: trata-se de “analisar a natureza específica dos investimentos libidinais do econômico e do político, e assim mostrar como o desejo pode ser determinado a desejar sua própria repressão no sujeito que deseja”<sup>10</sup>. Análise esta cujo alcance programático coincide com a própria liberação da potência revolucionária do desejo, ou seja, fazer com que a máquina analítica e a máquina revolucionária possam funcionar conjuntamente<sup>11</sup>.

A realização dessa tarefa esquizoanalítica implica reconhecer que a matriz em geral de todo investimento social inconsciente é o *delírio*. “Todo investimento inconsciente mobiliza um jogo delirante de desinvestimentos, de contrainvestimentos, de sobreinvestimentos”<sup>12</sup>. Nesse sentido, Deleuze e Guattari distinguiram dois polos do investimento social inconsciente: a paranoia e a esquizofrenia. A função de analisador de desejo das massas, dos grupos, dos sujeitos implica situar a posição do desejo segundo seus polos de investimento.

O delírio paranoico reacionário ou fascista é marcado pela maquinação de massas, pela formação contínua de grandes conjuntos molares e pela criação de aparelhos pesados

---

<sup>7</sup> Ibidem, p.124.

<sup>8</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. *L'Anti-Oedipe*, op. cit., p.412.

<sup>9</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980, p.93.

<sup>10</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. *L'Anti-Oedipe*, op. cit., p.124-125.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 141.

<sup>12</sup> Ibidem, p.437.

de Estado, a fim de *subordinar* e reprimir as máquinas moleculares do desejo. O tipo paranoico fascistizante não para de investir os aparelhos de Estado, a formação de soberania tornando-a “causa final e eterna de todas as outras formas sociais da história, que contrainveste os enclaves ou a periferia e desinveste toda livre figura do desejo”<sup>13</sup>. Bastaria ouvir os discursos de determinadas organizações sociais para perceber que pode haver um fundo delirante paranóico. O que dizer do discurso de um fascista, de um general, de um ministro, de um patrão, de um burocrata, de um dirigente partidário etc.? Não é difícil perceber a linguagem demente e o “grande rumor paranoico sob o discurso da razão que fala pelos outros, em nome dos mudos”<sup>14</sup>.

Entretanto, Deleuze e Guattari defendem que esse é apenas um sentido da relação entre as máquinas<sup>15</sup>. Na medida em que partem da concepção de que o molar e o molecular são diferentes regimes de uma única e mesma produção, eles ressaltam que é preciso considerar também a maneira como os fenômenos moleculares subordinam os grandes conjuntos molares a si<sup>16</sup>. É aí que podemos entrever o polo esquizofrênico-revolucionário do investimento inconsciente. Neste polo, o investimento “recorta o interesse das classes dominadas e exploradas, faz correr fluxos capazes de romper, ao mesmo tempo, todas as segregações e suas aplicações edípicas, capazes de alucinar a história, de delirar as raças, de inflamar continentes”<sup>17</sup>. Quando se segue as linhas de fuga do desejo que passam o muro e fazem correr seus fluxos? Quando as máquinas desejantes são efetivamente montadas e integradas no grupo, na organização, no sujeito, na vida social? Quando se pode dizer: “Não sou um de vocês, sou eternamente de raça inferior”<sup>18</sup>? Nesse sentido, portanto, a linha de fuga esquizofrênica não se reduz à fuga *do* social; na realidade, dizem Deleuze e Guattari:

Ela faz fugir o social pela multiplicidade de buracos que o corroem e o perfuram, sempre ligados a ele, dispondo em toda parte as cargas moleculares que explodirão o que deve explodir, que farão tombar o que deve cair, que farão fugir o que deve fugir, assegurando

---

<sup>13</sup> Ibidem, p.329

<sup>14</sup> Ibidem, p.483

<sup>15</sup> “Há tão somente desejo e meios, campos, formas de agregação. Ou seja: as máquinas desejantes moleculares são, em si mesmas, investimentos das grandes máquinas molares ou das configurações que elas formam sob as leis dos grandes números, num ou no outro sentido da subordinação [...]. Máquinas desejantes de um lado e, de outro, máquinas orgânicas, técnicas ou sociais: são as mesmas máquinas em condições determinadas.” (Ibidem, p. 342).

<sup>16</sup> Ibidem, p.407.

<sup>17</sup> Ibidem, p.125.

<sup>18</sup> Ibidem, p.329.

em cada ponto a conversão da esquizofrenia, como processo, em força efetivamente revolucionária.<sup>19</sup>

Com efeito, quando os grandes conjuntos molares tentam subordinar as moléculas do desejo, o que vemos é a imposição de um investimento paranoico como uma “contrafuga”, uma fuga diante da fuga esquizofrênica, que anima os investimentos conformistas, reacionários e fascizantes<sup>20</sup>. Mas a máquina molecular do desejo nunca se deixa capturar *completamente*; as formas de gregarismo não impedem as linhas de fuga de limar os muros codificados, sobrecodificados e axiomatizados das formações sociais.

O desejo inconsciente não para de oscilar entre esses dois polos do delírio, ora com suas cargas reacionárias ora com sua potencialidade esquizofrênica. Vale insistir: é sempre a mesma energia do desejo que está em jogo nos dois polos do investimento. Como afirma Guattari:

Sob diferentes regimes, é a mesma energia desejante que encontramos na face revolucionária da história, com a classe operária, a ciência e as artes, e que reencontramos na face das relações de exploração e do poder de Estado, enquanto ambas pressupõem uma participação inconsciente dos oprimidos.<sup>21</sup>

Mas ante a oscilação dos polos do desejo inconsciente é imperioso saber, consoante Lapoujade<sup>22</sup>, “que corpos o inconsciente delira de maneira a corroborar a cada vez sua inscrição social?” Ou ainda, *no outro sentido da subordinação*, que corpos o inconsciente delira de modo a produzir a “dispersão molecular”, a fazer passar as linhas de fuga?

Como ressalta Buchanan<sup>23</sup>, a pergunta esquizoanalítica que percorre todo *O anti-Édipo* é: “De onde virá a revolução? De onde virá a nova irrupção do desejo?” Ou, por outro lado, de onde virá a nova onda reacionária, fascista e terrorista? É uma questão de análise do desejo. Pois sempre haverá algo como “um chinês no horizonte, um lançamísseis cubano, um árabe que desvia aviões, um sequestrador de cônsul, um pantera negra, um Maio 68, ou mesmo, hippies drogados, homossexuais em cólera etc. Oscila-se entre sobrecargas paranoicas reacionárias e as cargas subterrâneas, esquizofrênicas e

---

<sup>19</sup> Ibidem, p.452.

<sup>20</sup> Ibidem, p.408.

<sup>21</sup> DELEUZE, G. Deleuze et Guattari s’expliquent. In: \_\_\_\_\_. *L’île déserte: textes et entretiens (1953-1974)*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002, p. 304.

<sup>22</sup> LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015, p.158.

<sup>23</sup> BUCHANAN, I. Is Anti-Oedipus a May ’68 book?. In: *Deleuze and History*. BELL, A. J.; Colebrook, C. (Org.). Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009, p.213.

revolucionárias”<sup>24</sup>. Por isso, quando os autores falam em “revolução”, não se trata de tomá-la na chave da forma-partido, pressupondo algum tipo de conquista do Estado, a partir da qual o proletariado o submeteria a seu *interesse objetivo* - um tipo de operação que só poderia ser realizada “sob a dominação da sua vanguarda de consciência ou de partido”<sup>25</sup>. A revolução, para os autores de *O anti-Édipo*, consiste sobretudo em “esquizofrenizar a estrutura de poder existente, fazendo-a vibrar num novo ritmo, fazendo com que mude de dentro”<sup>26</sup>.

É sob essa perspectiva que Deleuze e Guattari afirmam que organizar o processo revolucionário baseado na oposição de classes - esta bipolarização do campo social que animaria a luta política e econômica - e na conquista de um aparelho de Estado “é justamente o que sempre foi e ainda é um problema”<sup>27</sup>. As determinações teóricas da classe proletária baseadas na extorsão da mais-valia (nível da produção) e na renda salarial (nível do dinheiro) são largas ou estreitas demais. E o “ser objetivo” que tais determinações definem como *interesse de classe* “permanece como puramente virtual enquanto não se encarna numa consciência que certamente não o cria, mas que o atualiza num partido organizado, apto a se propor à conquista do aparelho de Estado”<sup>28</sup>.

A oposição teórica, dizem eles, não está entre a classe burguesa e a classe proletária. Isso porque, do ponto de vista da produção capitalista, existe tão somente a burguesia enquanto “classe” com vocação universalista. A noção de classe, segundo Deleuze e Guattari, designa o “negativo” dos códigos, castas, ordens, níveis hierárquicos<sup>29</sup>. A burguesia, nesse sentido, preenche o campo de imanência do capitalismo, conduzindo “a luta contra os códigos”. A própria máquina capitalista se define por uma desterritorialização maciça e pela descodificação generalizada dos fluxos da produção e do dinheiro. Mas, ao mesmo tempo, ela reterritorializa e perfaz uma conjunção singular deste fluxos descodificados: “é a singularidade desta conjunção que fez universalidade do capitalismo”<sup>30</sup>. Daí porque fundar o processo revolucionário na oposição teórica de classes significa permanecer enredado na organização da axiomática

---

<sup>24</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. *L'Anti-Oedipe*, op. cit., p.310.

<sup>25</sup> Ibidem, p.339.

<sup>26</sup> BUCHANAN, I. Is Anti-Oedipus a May '68 book?. In: *Deleuze and History*, op. cit., p.213.

<sup>27</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. *L'Anti-Oedipe*, op. cit., p.304.

<sup>28</sup> Ibidem, p.303.

<sup>29</sup> Ibidem, p.303

<sup>30</sup> Ibidem, p.266.

capitalista. Tendo isso em vista, Deleuze e Guattari argumentam que a real oposição teórica se passa em outro nível, a saber:

Entre a classe e os fora-da-classe. Entre o servidores da máquina [capitalista] e aqueles que a fazem saltar ou explodem as engrenagens. Entre o regime da máquina social e o das máquinas desejanter. Entre os limites interiores relativos e o limite exterior absoluto.<sup>31</sup>

Em última instância, a oposição fundamental se dá *entre capitalismo e esquizofrenia*. Enquanto o capitalismo não para de desterritorializar e descodificar, seu limite é sempre interior e relativo. Pois, ao mesmo tempo que ele libera uma colossal carga esquizofrênica do desejo, ele a reprime brutalmente. Há sempre um reterritorialização violenta e factícia que instaura uma sujeição sem precedentes<sup>32</sup>. Essa operação imanente à máquina capitalista é o que permite a ela inibir continuamente sua tendência ao limite absoluto, ou seja, à esquizofrenia enquanto desterritorialização e descodificação absolutas. O processo esquizofrênico, oposição real ao “servidores da máquina”, produz um sujeito esquizo ou nômade<sup>33</sup> dos fluxos descodificados, das linhas de fuga que se libertam da axiomática capitalista e não cessam de atravessar o muro e o muro do muro<sup>34</sup>. No âmbito de *O anti-Édipo*, portanto, o esquizo compõe a imagem do proletário desenredada da forma-partido e da forma-Estado.

### **3. Deleuze leitor de Guattari**

*Capitalismo e esquizofrenia* constitui uma obra conjunta na qual não se pode vincular determinadas ideias no interior do texto somente a um ou outro dos dois autores sem distorcê-las. De outro modo, é possível traçar alguns meandros através dos quais as produções individuais de Deleuze e Guattari ofereceram linhas de entrecruzamento, ressonâncias recíprocas e marcas de composição que ganham formas mais definidas nas produções conjuntas, como afirma Deleuze a respeito de sua tese, por exemplo: “após ter

---

<sup>31</sup> Ibidem, p.303.

<sup>32</sup> Ibidem, p.42.

<sup>33</sup> Cabe salientar que o sujeito esquizo ou nômade não se confunde com um sujeito identificado à consciência, autônomo em relação ao processo de produção do desejo. O sujeito esquizo está enleado à processualidade desejanter e, nesse sentido, ele é um produto do desejo, um “resto produzido ao lado das máquinas desejanter” (Ibidem, p.24). A concepção identitária de um sujeito que permanece uno e idêntico a si mesmo seria uma espécie de cristalização do processo, de uma fixação no Eu que impede o funcionamento das máquinas desejanter; o processo é interrompido, o ciclo das máquinas se fecha para uma nova partida - é quando se morre efetivamente (Ibidem, p.395).

<sup>34</sup> Ibidem, p.303.

estudado Hume, Spinoza, Nietzsche, Proust, que me encheram de entusiasmo, *Diferença e repetição* foi o primeiro livro onde eu tentei ‘fazer filosofia’. Tudo que fiz em seguida se encadeia com esse livro, mesmo o que nós escrevemos com Guattari (falo evidentemente do meu ponto de vista)”<sup>35</sup>.

Um destes entrecruzamentos ocorre também com a noção de máquina de guerra, expressão utilizada pela primeira vez por Guattari em seu *Psicanálise e transversalidade*, coletânea de textos e entrevistas publicados em 1972<sup>36</sup>. Esta coletânea é prefaciada por Deleuze com um texto intitulado *Três problemas de grupo*, no qual o filósofo sumariza que o conjunto dos artigos de Guattari é perpassado pelas seguintes questões:

1º) Sob que forma introduzir a política na prática e na teoria psicanalíticas (uma vez dito que, de toda maneira, a política está no próprio inconsciente)? 2º) Há lugar, e como fazer para introduzir a psicanálise nos grupos militantes revolucionários? 3º) Como conceber e formar grupos terapêuticos específicos, cuja influência reagiria sobre outros grupos políticos, e também sobre as estruturas psiquiátricas e psicanalíticas?<sup>37</sup>

A noção de máquina de guerra aparece vinculada, na interpretação de Deleuze, a este segundo problema: a psicanálise não pode ser *aplicada* à política da maneira como uma sociologia psicanalítica centrada na teoria do complexo de Édipo ensaiaria fazer, mas ela pode contribuir para uma renovação da prática política enquanto for capaz de propor a constituição das “condições de uma análise de desejo”<sup>38</sup> no âmago da atuação dos grupos revolucionários.

Para isso, é necessário compreender a situação real das lutas proletárias. Trata-se de perceber os limites de determinadas estratégias que aparecem com o desgaste do leninismo, em especial a “cumplicidade dos partidos comunistas nacionais que militam pela integração do proletariado no Estado”<sup>39</sup>, isto é, que não são capazes de sustentar uma atuação internacionalista e que reduzem a luta política revolucionária a uma proteção da produção nacional contra a veloz mobilização internacional do capital. Uma vez que o capital também não pode prescindir do Estado-nação para se efetuar e que há uma constante absorção das demandas dos trabalhadores para o interior da ordem institucional

---

<sup>35</sup> DELEUZE, G. *Deux régimes de fous* (org. David Lapoujade). Paris: Les Éditions de Minuit, 2003, p. 280.

<sup>36</sup> GUATTARI, F. *Psychanalyse et transversalité: essais d'analyse institutionnelle*. Paris: François Maspero, 1972.

<sup>37</sup> DELEUZE, G. Trois problèmes de groupe. In: \_\_\_\_\_. *L'île déserte: textes et entretiens (1953-1974)*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002, p. 271.

<sup>38</sup> Ibidem, p.279.

<sup>39</sup> Ibidem, p.275.

burguesa, forma-se assim um compromisso involuntário entre esse tipo de organização proletária e o avanço do próprio capital.

A avaliação de Guattari, segundo o prefácio de Deleuze, é que essa situação surge a partir do processo histórico da Revolução Russa precisamente devido à premissa maior da necessidade da tomada do poder do Estado através de um partido “capaz de tudo dirigir, preenchendo uma vocação messiânica e subordinando as massas”<sup>40</sup>. Uma certa coexistência entre capitalismo e socialismo, que perpassa uma dependência dos Estados socialistas em relação ao mercado mundial, acaba por se instalar.

A raiz dessa situação estaria, portanto, na própria organização vertical do partido, que opera por unificação e centralização em torno de uma vanguarda ou direção. Seria necessário produzir uma outra forma de organização que não se reduza nem ao mero espontaneísmo e nem recaia nessa forma vertical, hierárquica, do partido. Nas palavras de Deleuze:

O problema concerne, portanto, à natureza da unificação que deve operar transversalmente, através de uma multiplicidade, não verticalmente e de maneira a esmagar esta multiplicidade própria ao desejo. Isso quer dizer, em primeiro lugar, que a unificação deve ser a de *uma máquina de guerra e não de um aparelho de Estado* (um Exército vermelho deixa de ser uma máquina de guerra à medida que se torna engrenagem mais ou menos determinante de um aparelho de Estado). Em segundo lugar, quer dizer que a unificação deve se fazer por *análise*, deve ter *um papel de analisador* em relação ao desejo de grupo e de massa, e não um papel de síntese procedendo por racionalização, exclusão, etc.<sup>41</sup>

Vemos, assim, que há uma sobreposição entre as ideias que aparecem em *O anti-Édipo* e aquelas desenvolvidas por Guattari (e trabalhadas por Deleuze em *Três problemas de grupo*), no período que corresponde à escrita dos textos publicados na coletânea de *Psicanálise e transversalidade* a respeito do problema da organização política e da necessidade de uma análise social do desejo. Ao encontro da esquizoanálise, o termo *máquina de guerra* é cunhado, portanto, para descrever essa problemática antes de ser vinculado ao nomadismo apresentado em *Mil platôs*. Para compreender a amplitude do conceito é importante manter em vista tal origem, que o conecta ao “problema político direto” referente à organização dos grupos revolucionários.

---

<sup>40</sup> Ibidem, p.276.

<sup>41</sup> Ibidem, p.278-279.

#### 4. *Mil Platôs*: a máquina de guerra nômade contra o Estado

Já no *Tratado de nomadologia*, em *Mil platôs*, Deleuze e Guattari passam a investigar qual a natureza dos grupos ou agrupamentos que funcionam como máquinas de guerra, ou melhor, *qual a ontologia e a lógica de composição desses grupos*. Para tanto, os autores percorrem diversos campos das ciências humanas buscando cartografar o aparecimento transversal das peças de composição de uma máquina de guerra e, de modo complementar, colocando em questão as premissas que pressupõem a forma-Estado como fundamento.

Assim, inicialmente, Deleuze e Guattari definem a máquina de guerra por um determinado modo de relação com a terra dito de distribuição nômade. Essa forma de relação com a terra se traduz como um modo de preenchimento do espaço marcado por trajetos, travessias e passagens em meio a singularidades que funcionam como coordenadas móveis, no qual os vetores de velocidade e movimento predominam sobre a determinação das localizações e pontos de parada. Os autores falam da produção de um “espaço liso”, que se distingue da produção de um “espaço estriado”, cartesiano, em que a ocupação se dá por um esquadrinhamento do espaço onde há bloqueios, muros, pontos de constrição. Fala-se de uma distribuição *nomádica* porque é a existência nômade que realiza primeiramente as condições de aparecimento de uma máquina de guerra; o nomadismo é a produção do espaço liso por excelência:

O nômade está ali, sobre a terra, sempre que se forma um espaço liso que corrói e tende a crescer em todas as direções. [...] O deserto de areia não comporta apenas oásis, que são como pontos fixos, mas vegetações rizomáticas, temporárias e móveis em função de chuvas locais, e que determinam mudanças de orientação dos percursos. É nos mesmos termos que se descreve o deserto de areia e o de gelo: neles, nenhuma linha separa a terra e o céu; não há distância intermediária, perspectiva, nem contorno, a visibilidade é restrita; e, no entanto, há uma topologia extremamente fina, que não repousa sobre pontos ou objetos, mas sobre hecceidades, sobre conjuntos de correlações (ventos, ondulações da neve ou da areia, canto da areia ou estalido do gelo, qualidades tácteis dos dois); é um espaço táctil, ou antes “háptico”, e um espaço sonoro, muito antes do que visual... A variabilidade, a polivocidade das direções é um traço essencial dos espaços lisos, do tipo rizoma, e que remodela sua cartografia.<sup>42</sup>

Desta forma, é preciso compreender que o termo máquina de guerra não aponta imediatamente para o fenômeno empírico da guerra em si mesma. O espaço liso é o objeto positivo da máquina de guerra nômade, enquanto a guerra efetiva é somente um objeto

---

<sup>42</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mille Plateaux*, op. cit., p.473-474.

negativo que aparece depois (de um ponto de vista lógico), *contra o surgimento de um aparelho de Estado*. Deleuze e Guattari assinalam a guerra contra o Estado como o regime de violência próprio à máquina de guerra, uma vez definido que “a guerra (com ou sem batalha) propõe-se o aniquilamento ou a capitulação das forças inimigas”. O inimigo máximo da máquina de guerra nômade é o próprio Estado.

Isso implica que a guerra não é, *originariamente*, um instrumento de Estado. Deleuze e Guattari levantam a hipótese de que há uma desnaturação do regime de violência da máquina de guerra quando o Estado passa a fazer da guerra em si, da guerra “empírica”, um meio para seus próprios fins políticos. O regime de violência próprio ao aparelho de Estado seria, antes de tudo, o da polícia e da carceragem como instituições de execução de um sistema legal. Segundo os autores, “definiu-se com frequência o Estado por um ‘monopólio da violência’, mas essa definição reenvia a uma outra, que determina o Estado como ‘estado de Direito’ (*Rechtsstaat*). A sobrecodificação do Estado é precisamente essa violência estrutural que define o direito, violência ‘policial’ e não guerreira”<sup>43</sup>.

Deleuze e Guattari, enfim, resumem a diferenciação entre os dois regimes de violência ao afirmarem que “a função de guerra é exterior à soberania política”<sup>44</sup>. O guerreiro e o homem de Estado são figuras profundamente diferentes, cuja incompatibilidade corresponde a essa distinção entre a lógica da máquina de guerra e lógica estatal. Portanto, o Estado não depende inicialmente de um corpo guerreiro para exercer sua violência e nem a máquina de guerra se reduz a uma função de Estado. Mas então que relação o poder político estatal estabelece com a máquina de guerra, como essa relação se processa?

Segundo os autores, ocorre que o Estado vai funcionar como um aparelho de captura e estender seu domínio sobre a máquina de guerra nômade, captura que produz então uma transformação fundamental através da qual a máquina de guerra adquire a guerra em si como objeto e o Estado adquire um novo meio de exercício da violência legal: trata-se da gênese da instituição militar. Afirmam Deleuze e Guattari:

Uma das maiores questões do ponto de vista da história universal será: como o Estado vai *apropriar-se* da máquina de guerra, isto é, constituir uma para si, conforme sua medida, sua dominação e seus fins? E com quais riscos? (Chama-se instituição militar, ou exército,

---

<sup>43</sup> Ibidem, p.559.

<sup>44</sup> Ibidem, p.528.

não em absoluto a máquina de guerra ela mesma, mas essa forma sob a qual ela é apropriada pelo Estado).<sup>45</sup>

A instituição militar é, portanto, a máquina de guerra subordinada ao Estado que antes ela combatia. O processo se dá quando o Estado atribui ao corpo guerreiro um estatuto jurídico e lhe confere objetivos políticos que se confundem com os seus, quando então a lógica da guerra adquire uma estrutura propriamente clausewitziana, isto é, quando então a guerra passa a ser a continuação da política por outros meios<sup>46</sup>. O redirecionamento do conjunto de condições da existência nômade, guerreira, para essa finalidade política é, na verdade, o produto do afrontamento ou assimilação da máquina de guerra nômade pelo Estado: “a questão é portanto menos a realização da guerra que a apropriação da máquina de guerra. É ao mesmo tempo que o aparelho de Estado *se apropria* da máquina de guerra, subordina-a a finalidades ‘políticas’, e lhe dá por *objeto* direto a guerra”<sup>47</sup>.

Sibertin-Blanc<sup>48</sup> assinala que a hipótese da captura da máquina de guerra pelo Estado permite a Deleuze e Guattari traçar uma genealogia do aspecto instrumental da guerra e delinear uma heterogênese da potência repressiva do aparelho de Estado, avançando em relação às noções marxistas tradicionais sobre a questão. A criação da instituição militar e a destinação da guerra aos fins políticos do Estado se efetuariam através do exercício dessa territorialização e imersão das sociedades guerreiras no espaço de legalidade estatal.

Contudo, o critério da exterioridade e a hipótese da captura deixam entrever efetuações reacionárias da máquina de guerra, já que num certo sentido o capital também excede os Estados (ainda que não possa prescindir deles). Deleuze e Guattari tentam dar conta disto ao pensar um terceiro tempo do devir da máquina de guerra, no qual ela passa a se apoiar sobre a própria desterritorialização do capital<sup>49</sup>. Nesse terceiro momento, a máquina de guerra adquire uma potência conjugada à axiomática: o Estado a transforma em instituição militar, mas, ao mesmo tempo, o capital *transforma o próprio Estado-nação em peça* dessa máquina de guerra mundial, que se efetua nos grandes complexos industriais-militares e financeiros-securitários transnacionais.

---

<sup>45</sup> Ibidem, p.520.

<sup>46</sup> CLAUSEWITZ, K. *De la guerre, livre I*. Paris: Flammarion, 2014.

<sup>47</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mille Plateaux*, op. cit., p. 524.

<sup>48</sup> SIBERTIN-BLANC, G. État et généalogie de la guerre: l'hypothèse de la “machine de guerre” de Gilles Deleuze et Félix Guattari. *Astéris*, n. 3, 2005.

<sup>49</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mille Plateaux*, op. cit.

Em síntese, haveria três momentos do devir da máquina de guerra: originariamente, como nomadismo ou máquina de guerra nômade, ela cinge um espaço liso e não tem a guerra como objeto a não ser quando se depara com um aparelho de Estado (quando então empreende uma guerra *contra o Estado*). Ela só se torna instituição militar num segundo momento, quando *capturada* pelo Estado, que inicialmente não possui forças militares mas sim forças policiais e carceragem, cuja diretriz é instaurar um espaço de legalidade ou de estado de direito. A máquina de guerra se torna instituição militar quando o Estado lhe atribui um estatuto jurídico e lhe confere objetivos políticos que se confundem com os seus. Por fim, ela se torna máquina de guerra mundial quando adquire uma potência conjugada à axiomática: o Estado a transforma em instituição militar, mas, ao mesmo tempo, *o capital transforma o próprio Estado-nação em peça dessa máquina de guerra* mundial já militarizada e destinada a efetuar a guerra, se apresentando como conjunto industrial-militar transnacional.

Resta que a distinção entre os dois regimes de violência permanece apontando para a exterioridade *de direito* da máquina de guerra nômade em relação ao espaço de composição estatal. Sibertin-Blanc destaca que, do ponto de vista prático, a máquina de guerra pode ser efetuada em outras organizações e conjuntos sociais bastante diversos, e não apenas nas sociedades nômades, desde que permaneçam às margens do controle administrativo-burocrático do Estado<sup>50</sup>. A máquina de guerra em última instância é a própria forma lógica da exterioridade, enquanto o aparelho de Estado é a forma pura da interioridade. Assim, abre-se a possibilidade de pensar nas efetuações contemporâneas da máquina de guerra no campo da prática política revolucionária, o que nos remete novamente à vinculação que Deleuze e Guattari fazem entre o conceito teórico e a questão política da luta contra o Estado.

## **5. Considerações Finais**

É nessa perspectiva que, desde *O Anti-Édipo*, os autores fazem uma crítica ao empreendimento socialista que tinha por objetivo a conquista do poder estatal, isto é, ao socialismo real que formou uma burocracia de Estado no lugar da burguesia. Como vimos, passar ao *problema político direto* significa pensar a organização política para além do intento da forma-partido baseado na síntese dos interesses objetivos que

---

<sup>50</sup> SIBERTIN-BLANC, G. État et généalogie de la guerre: l'hypothèse de la "machine de guerre" de Gilles Deleuze et Félix Guattari, op. cit.

supostamente deveriam ser os da classe proletária e, por conseguinte, para além da mera tomada do poder do Estado como realização final desses interesses. O problema, para os autores, é a organização partidária baseada em relações verticais, hierárquicas e tutelares que impõe a dominação de uma vanguarda de consciência, auto-determinada como portavoz desses interesses de classe.

Foi bem isso que Deleuze e Guattari perceberam em Maio de 68. Muitas organizações ditas de esquerda criticavam o movimento estudantil, acusando os estudantes de serem “jovens excessivamente mimados lutando contra a sociedade de consumo, enquanto os verdadeiros trabalhadores sabiam perfeitamente onde estavam seus verdadeiros interesses...”<sup>51</sup>. A despeito da intensa luta contra os aparelhos repressivos do Estado, o próprio Partido Comunista Francês e a Confederação Geral do Trabalho “abordavam a juventude num espírito de repressão”, numa tentativa de “conter o desejo liberto para o canalizar”<sup>52</sup>. Se “Maio de 68 não ocorreu”<sup>53</sup>, como dizem Deleuze e Guattari, é porque o campo do possível aberto pelo acontecimento foi continuamente fechado não apenas por forças repressivas, mas pelas próprias organizações ditas de esquerda que pretendiam representar os interesses das massas.

Por isso, pretender orientar o processo emancipatório a partir da síntese de interesses não conduz à revolução. Pelo contrário, as próprias organizações políticas podem tornar-se embriões do aparelho de Estado. Estar à altura de um acontecimento como Maio de 68 exige que se opere continuamente uma *análise social do desejo*. Esta é a tarefa primordial da esquizoanálise, tal como Deleuze e Guattari a deslindam no interior de *O anti-Édipo*, bem como de uma “psicanálise política”, já proposta por Guattari em *Psicanálise e transversalidade*.

A esquizoanálise, dentro dessa perspectiva, tem como objetivo “analisar a natureza específica dos investimentos libidinais do econômico e do político”, a fim de avaliar o coeficiente de afinidade entre as máquinas sociais e técnicas e máquinas desejanças<sup>54</sup>. Ou seja, o quanto um grupo ou uma organização política é capaz de integrar as conexões das máquinas moleculares em seu funcionamento, de dar passagem aos fluxos desterritorializados e descodificados do desejo. Em suma, o quanto é capaz liberar “linhas de fuga ativas e positivas” que escapam à captura do aparelho de Estado,

---

<sup>51</sup> DELEUZE; G. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 1992, p. 31.

<sup>52</sup> DELEUZE, G. Sur le capitalisme et le désir. In: \_\_\_\_\_. *L'île déserte*, op.cit., p. 370.

<sup>53</sup> DELEUZE, G. *Deux régimes de fous*, op.cit. p. 215.

<sup>54</sup> DELEUZE; G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*, op.cit., p. 218.

efetuando o processo de produção desejante e conduzindo à “organização social de um campo de desejo”<sup>55</sup>.

Em *Mil Platôs*, a caracterização das condições de formação da máquina de guerra nômade, centrada no critério da exterioridade, permite pensar essa organização política proletária, minoritária, capaz de atuar para além da disputa do poder estatal por meio da forma-partido. Os autores instauram uma diferenciação fundamental entre processo e modelo: posto que a posição de desejo é prevalente sobre a posição de consciência, uma máquina revolucionária que não forme compromissos inconscientes com aquilo que ela combate só pode funcionar como processo, pois o modelo é a própria forma da reação contra a potência revolucionária. O conceito de máquina de guerra nômade se compõe com esta noção de processo, em contraste ao modelo do Estado. Num primeiro momento pode-se dizer que o processo é exterior ao modelo, mas mais profundamente percebemos que o processo devém exterioridade pura e que o modelo opera sempre como forma de interioridade e captura. O processo revolucionário da máquina de guerra é irreduzível ao modelo do partido dirigente que reproduz em si as hierarquias reativas da forma-Estado.

Além disso, com a hipótese da captura *Mil platôs* apresenta ferramentas conceituais que permitem “passar da palavra de ordem à noção teórica que pretende renovar a compreensão marxista do poder e dos ‘aparelhos repressivos’ do Estado”<sup>56</sup>. Num certo ponto ocorre a desnaturação da máquina de guerra: ela recai sob a malha do poder soberano, que lhe confere um estatuto jurídico e uma formatação institucional, transformando-se em instituição militar. No entanto, mesmo no espaço dos Estados modernos, que constituíram para si a tríade institucional de execução da sua violência “legítima” - forças armadas, polícia,arceragem -, há sempre o risco do ressurgimento de uma máquina de guerra no horizonte, ascendendo como elemento estrangeiro, com sua potência irrefreável e seu combate irascível contra o aparelho estatal.

*Recebido em 20/07/2020*

*Aprovado em 16/10/2020*

---

<sup>55</sup> DELEUZE; G. *Conversações*, op.cit, p.30.

<sup>56</sup> SIBERTIN-BLANC, G. *État et généalogie de la guerre: l'hypothèse de la “machine de guerre”* de Gilles Deleuze et Félix Guattari, op. cit.